

Sexta-feira, 21 de Novembro de 2014

Sex, 21 de Novembro de 2014.
07:12:00.

VALOR ECONÔMICO | EU & FIM DE SEMANA

ANCINE | AGÊNCIA NACIONAL DE CINEMA

Cumplicidade revelada

Por **Ana Paula Sousa** | Para o Valor, de São Paulo

Ainda pouco visível e com resultados que não podem ser medidos pelas bilheterias, o novíssimo cinema brasileiro ("Mais ousado, mais livre e menos compromissado em alguns sentidos, mas comprometido em outros", na definição do crítico e curador Cléber Eduardo) está, ao menos, deixando de ser invisível. Começou anteontem, no Rio, a VI Semana dos Realizadores, evento que nasceu com o intuito de tornar-se vitrine do cinema de autor feito no Brasil. Até quarta-feira serão projetados, no Espaço Itaú, em Botafogo, títulos que as salas dos shoppings dificilmente abrigarão, mas são exemplares de um fenômeno importante no cinema brasileiro contemporâneo: o boom de filmes que alguns chamam de artísticos, outros, de autorais e outros, ainda, de exigentes.

Apesar de ter se tornado lugar-comum dizer que o cinema nacional vive o domínio das comédias, uma outra linha de filmes, oposta a essa, tem avançado não só em termos numéricos, mas de qualidade. A Semana dos Realizadores, que sucede, no calendário cinematográfico do segundo semestre, os festivais de Gramado, Brasília e Rio e a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, recebeu inscrições de cem longas e 500 curtas e médias-metragens. Desse total, foram selecionados 50 títulos - 24 dos quais participarão das competições de longas e curtas-metragens.

O evento exhibe, além disso, uma retrospectiva de Kleber Mendonça Filho, diretor de "O Som ao Redor" (2012), filme que se tornou paradigmático. Com seus 100 mil ingressos vendidos e com o burburinho que causou, o título pernambucano conseguiu o que a produção autoral raramente consegue: sair do nicho e ocupar outros espaços que não o do circuito de festivais.

Além de terem passado por festivais - Gramado, Tiradentes, Brasília, Roterdã, Marselha, San Sebastián, Londres etc. -, alguns dos títulos apresentados pelo evento estão com distribuição garantida no circuito comercial. Seria um indício de que algumas novas portas estão se abrindo para essa vertente?

"O cinema tem esse hibridismo entre arte e indústria de entretenimento. As duas coisas podem andar juntas ou separadas. Na Semana, procuramos dar espaço para o cinema como expressão individual e coletiva", afirma Lis Kogan, diretora do evento. "A questão da viabilidade desses títulos no mercado é sempre complicada, até por que vemos, no mundo todo, uma retração da sala de cinema como lugar de escoamento da produção. Ao mesmo tempo, há a **TV paga**, o mercado de VoD [vídeo 'on demand'] e, claro, os festivais."

Mas, afinal de contas, por que vivemos tal boom, que características têm esses filmes vindos dos mais diversos Estados do país e quem os está fazendo?

"As facilidades de realização aumentaram e aumentou o interesse pela realização, porque há mais cursos de cinema, mais oficinas e mais possibilidades de formação, embora não

necessariamente de circulação dos filmes", diz Cléber Eduardo, curador da Mostra de Cinema de Tiradentes, que, há sete anos, faz a Mostra Aurora, a primeira a se debruçar de forma criteriosa sobre o cinema autoral da nova geração.

Eduardo não gosta, porém, de usar o termo "cinema de autor". "O cinema de autor, como consenso, virou um marketing. O autor pressupõe uma individualidade no olhar e na forma", diz. "Prefiro usar o termo 'cinema exigente', porque, a meu ver, a autoralidade exige deslocamento do espectador, um esforço, um desejo de adentrar a sensibilidade do outro."

A exigência de um olhar, no mínimo, cúmplice por parte do espectador é característica comum aos longas-metragens no Espaço Itaú Botafogo. "Batguano" (PB), de Tavinho Teixeira; "Com os Punhos Cerrados" (CE), de Luiz Pretti, Pedro Diogenes e Ricardo Pretti; "A Misteriosa Morte de Pérola" (CE), de Guto Parente; e "Brasil S/A" (PE), de Marcelo Pedroso, são, todos, esteticamente ambiciosos e mercadologicamente quase inviáveis.

Há, no entanto, um outro conjunto de títulos que, sem abrir mão de um olhar subjetivo, busca uma comunicação mais direta com o público. É esse o caso de "Branco Sai. Preto Fica" (DF), de Adirley Queirós; "Ela Volta na Quinta" (MG), de André Novais; e "Sinfonia da Necrópole" (SP), de Juliana Rojas.

"Procuramos dar espaço para o cinema como expressão individual e coletiva", afirma Lis Kogan, diretora da Semana dos Realizadores

Queirós, morador de Ceilândia, cidade-satélite de Brasília, é ex-jogador de futebol, estudou cinema na Universidade de Brasília e integra o Coletivo de Cinema de Ceilândia (Ceicine). Em "Branco Sai. Preto Fica", ele mesclou documentário e ficção científica para recontar um episódio de violência policial ocorrido num baile "black", nos anos 80. Está tão seguro de que fez um filme popular que, no Festival de Brasília, de onde saiu como o grande premiado, disse que colocaria **DVDs** à venda na feira.

A brincadeira com o cinema de gênero marca também o musical "Sinfonia da Necrópole", segundo longa-metragem de Juliana Rojas, cujo primeiro filme, "Trabalhar Cansa" (2010), feito em parceria com Marco Dutra, foi exibido em Cannes. "Acho que, entre meus filmes, é o que mais tem elementos de comunicação com o público. Ele é lúdico e trabalha questões bem universais", diz. A cineasta, que se formou em cinema na USP, diz ter se inspirado em "Lua de Cristal" (1990), filme de Tizuka Yamasaki estrelado por Xuxa, para filmar um dos números musicais.

Novais é outro que não esconde o desejo de falar com o maior número de pessoas possível. "É a primeira vez que a **Filmes** de Plástico [sua produtora] vai entrar no circuito comercial, e é muito bom saber que o filme vai poder chegar a um público maior." Morador de Contagem (MG), Novais formou-se em história e aprendeu a fazer filmes em um curso livre. Os quatro curtas que realizou participaram de mais de 150 festivais. "Pouco Mais de um Mês" (2013) recebeu menção honrosa na Quinzena dos Realizadores de Cannes; "Ela Volta na Quinta", seu primeiro longa-metragem, também deveria ter sido um curta. "Ganhei R\$ 87 mil no edital Filme em Minas e resolvi transformar o roteiro num longa."

Outro longa-metragem feito a partir de um prêmio para curtas - no valor de R\$ 50 mil - foi "Ventos de Agosto" (PE), de Gabriel Mascaro, ganhador de menção honrosa no Festival de Locarno. Depois de rodar o filme, Mascaro, que trafega pelas artes visuais e teve obras expostas no MoMA e no Guggenheim, ambos em Nova York, conseguiu mais R\$ 100 mil para a finalização.

Impensável para os padrões do cinema brasileiro de mercado - cujos orçamentos costumam variar de R\$ 2 milhões a R\$ 10 milhões -, o volume de recursos mobilizados por Novais e Mascaro estão longe de ser exceção. "Muitos desses filmes são realizados de forma autofinanciada, com baixíssimo custo ou a partir de um edital de curtas ou de um edital estadual, cujo valor é muito menor que o dos principais editais federais", diz o pesquisador e professor Marcelo Ikeda.

Ele cunhou o termo "cinema de garagem" para falar de filmes realizados de modo colaborativo, nos quais a própria organização do trabalho em equipe é mais flexível. "Eles são moldados mais a partir do próprio processo de filmagem e de edição do que de um roteiro prévio", diz. Formalmente, segundo Ikeda, os filmes tendem a borrar as fronteiras entre ficção, documentário e ensaio visual, além de dialogar com outras expressões artísticas, como performance e artes visuais.

Apesar de ninguém negar que, por trás das estruturas mais enxutas, está o digital (que substituiu

a película em 35 mm), sabe-se que a tecnologia, sozinha, não explica a fertilidade dos novos cineastas. Max Eluard, produtor de dois filmes presentes na Semana ("Nova Dubai", de Gustavo Vinagre, e "Sinfonia da Necrópole"), acha que a nova geração enxerga o cinema de uma maneira muito diferente da geração que a antecedeu.

"Na retomada [da produção nacional, a partir de 1995], muita gente vinda da publicidade passou a fazer cinema e o formato de produção foi ficando muito caro", afirma Eluard. "Os novos diretores optam por sets menores e se desdobram em diferentes funções, trabalhando como montadores ou roteiristas nos filmes de outras pessoas."

Se, de um lado, a disposição para filmar com pouco dinheiro e muita frequência tem propiciado uma evolução narrativa e técnica, de outro, o esquema de "guerrilha" tende a dar com a cara na porta do circuito exibidor. Silvia Cruz, criadora da Vitrine **Filmes**, que distribuiu "O Som ao Redor" e boa parte dos títulos dessa safra, diz que, antes de se dispor a programar um filme, o dono de cinema invariavelmente faz duas perguntas: "Quem está no elenco?" e "Como será a campanha publicitária?". "No caso desses filmes, são perguntas fatais", diz.

Atualmente, a barreira do circuito, na opinião de Silvia, é menos a falta de salas do que o excesso de produção. "Em algumas semanas estreiam cinco ou seis filmes de arte. E, em cidades como Recife, Goiânia e Florianópolis, há uma só sala de arte, onde o filme brasileiro concorre com o alemão, o norueguês etc."

Silvia diz que uma das fontes de sustentação da Vitrine é a lei da TV paga - que obriga os canais a reservar parte de programação para produções nacionais. "A gente não ganha mais dinheiro com a exibição em cinema", afirma. "A principal fonte de renda desses filmes são, além da TV fechada, que comprou todo o nosso catálogo, os 'fees' [taxas] para exibição em mostras e festivais e o VoD, que ainda representam pouco, mas compõem a renda."

Outro empurrão dado neste ano para essa produção foi o prêmio para filmes de baixo orçamento, voltados "à inovação da linguagem e à formação de novos cineastas", criado pela **Agência Nacional de Cinema (Ancine)**. A agência fez também parcerias com 20 Estados e municípios para o lançamento de editais regionais - algo significativo quando se pensa que uma das características dessa produção é a diversidade regional.